



RÉPLICA A MAURICIO BEUCHOT¹

Peter Frederick Strawson*

Tradução de Itamar Luís Gelain

Doutorando em Filosofia pela UFSC
Professor no Centro Universitário –
Católica de Santa Catarina/CATÓLICASC
E-mail: itamarluis@gmail.com

Revisão de Jaimir Conte

Professor do Departamento de Filosofia da UFSC
E-mail: conte@cfh.ufsc.br

Agradeço a Mauricio Beuchot por sua cuidadosa e precisa enumeração das distintas coisas que em distintos momentos eu disse acerca da noção de verdade, ou acerca do significado de “é verdadeiro” ou (melhor ainda), acerca do que significa uma proposição ser verdadeira. Desejaria começar meu comentário fazendo algumas concessões.

A primeira delas é que em meus primeiros trabalhos sobre este tema cometi um erro que evitei nos trabalhos subsequentes. O erro surgiu pelo fato de ter limitado minha atenção às asserções positivas que estabeleciam que alguma proposição era verdadeira, ficando, assim, obrigado a afirmar que todos os usos de “é verdadeiro” eram instâncias de atos de fala, tais como confirmar, aprovar, conceder, etc. Não havia nada de errado em prestar atenção a tais usos da palavra, mas era errado não distinguir este aspecto do *uso* da palavra da questão acerca do seu *sentido* (permitindo, talvez que se confundisse um com o outro). Como diversos comentadores têm assinalado, isto pode ver-se claramente, a partir do fato de que “é verdadeiro” pode também ocorrer sem qualquer mudança de sentido, por exemplo, numa cláusula de condicional ou num dos membros duma disjunção.

Em segundo lugar, como já observei em minha resposta a Warnock, “verdadeiro” é predicado de proposições. Dizer de uma proposição que é verdadeira é dizer algo sobre esta proposição. Contudo, dizer de uma proposição

¹ STRAWSON, P. F. Reply to Mauricio Beuchot. In: CAORSI, Carlos E. (ed.). *Ensayos sobre Strawson*. Montevideo: Universidad de la República/Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1992, p.28–30.

* Filósofo inglês do Grupo de Oxford, com uma extensa publicação.

empírica que ela é verdadeira é dizer que as coisas são, na realidade (ou de fato, ou no mundo) exatamente como qualquer um que asseverasse (ou conjecturasse etc.) esta proposição estaria, deste modo, asseverando (ou conjecturando etc.) que elas são. Neste sentido, sou e sempre tenho sido um teórico da verdade como correspondência.

Neste sentido, era Ramsey, e estou com Ramsey. Ambos estaríamos de acordo em aceitar (como qualquer um faria) a seguinte bicondicional: a proposição de que Brutus apunhalou César é verdadeira se e somente se Brutus apunhalou César. A primeira cláusula desta bicondicional é sobre uma proposição. A segunda cláusula é sobre o que aconteceu no mundo; ela relata um evento histórico e registra um fato histórico. O bicondicional como um todo afirma, tal como o mostra claramente sua forma, uma correspondência entre a proposição e o fato.

O que me separa, então, de Austin (e de Beuchot)? Em primeiro lugar, o que me separa de Austin é nossos diferentes pontos de vista no que concerne ao sujeito do predicado “é verdadeiro”. De acordo com Austin, o sujeito de uma predicação singular de “é verdadeiro” é, como interpreto, a ocorrência de oração (ou de cláusula) produzida ou proferida por um falante ou escrito numa determinada ocasião. Que o sujeito da predicação deva ser desta índole é uma condição necessária de todo o enfoque de Austin, ou seja, de sua concepção de que “é verdadeiro” significa uma relação em termos de convenções semânticas (demonstrativas e descritivas).

Eu, pelo contrário, tenho sustentado, e ainda sustento, que “é verdadeiro” é predicado, ao menos primordialmente, não das palavras proferidas, mas do que é dito (a proposição expressada) no proferimento das palavras; ou, para utilizar uma expressão mais elegante, do conteúdo proposicional das palavras. Mas a proposição ou o conteúdo proposicional não é, como as ocorrências de palavras são, algo concreto, um item no mundo espaço-temporal. A proposição é algo abstrato, uma entidade abstrata.

Dirijo neste ponto tanto de Beuchot como de Austin? A resposta não é totalmente clara. Em algumas passagens de seu artigo, Beuchot parece mostrar certa simpatia à minha posição sobre este assunto. Porém, na conclusão ele parece inclinar-se para a posição de Austin. E o problema tem conexão direta com o assunto sobre o qual realmente divergimos (embora a divergência, como espero que fique claro, é na realidade mais tênue, menos substancial, do que poderia à primeira vista parecer). Ela tem conexão direta como o assunto porque, embora seja correto sustentar que, quando se diz algo verdadeiro sobre o mundo, existem certas relações semânticas entre as palavras proferidas, como elas são proferidas no momento, e determinados itens concretos no mundo, é totalmente implausível sustentar que estas relações podem prevalecer entre um item abstrato (a proposição) e itens concretos no mundo.

Como fica, então, podem me perguntar, minha recente aceitação, há alguns parágrafos atrás, de que quando temos uma proposição verdadeira temos uma correspondência entre uma proposição e um fato? Mantém-se firme porque o fato relevante é tanto entidade abstrata e intencional como uma proposição refletida sobre si mesma, estabelecida e aceita além de todo o questionamento e, portanto, não é mais que uma entidade concreta que aquela outra que ela reflete.

Não é esta uma doutrina impressionante? O que poderia ser mais concreto que os fatos? Podemos ver tanto por que ela é impressionante como por que ela não é realmente de modo algum impressionante, mas simplesmente correta, quando refletirmos com clareza sobre o seguinte pensamento: certamente, os fatos são fatos *sobre* itens concretos no mundo, nos casos empíricos relevantes (Brutus, César, um ato ou um evento de apunhalamento). Mas, esta classe de relação não se estabelece entre um item concreto no mundo e outros. A proposição cuja asserção registra o fato é sobre os mesmos itens concretos, e a relação que se estabelece é a mesma em ambos os sentidos.

Posso prever uma objeção óbvia. Certamente, pode-se dizer, devemos admitir as duas coisas seguintes: i) o apunhalamento de César por Brutus é um fato; ii) o apunhalamento de César por Brutus é um evento concreto positivo no mundo – ele teve lugar num determinado lugar (o Capitólio), em uma data determinada (15 de março de 44 a.C.). Portanto, o fato não é algo abstrato, mas uma ocorrência histórica concreta.

A objeção é atrativa, mas errada. As expressões no gerúndio às que ela faz alusão são enganadoramente ambivalentes. (Elas confundiram Austin em seu ensaio “Unfar to facts”). Estas expressões desempenham um duplo papel: *podem* designar eventos e itens concretos no mundo. *O apunhalamento de César por Brutus* (enquanto um evento) aconteceu de fato no Capitólio em 15 de março de 44 a.C., mas *o apunhalamento de César por Brutus no Capitólio em 15 de março a. C.* (fato) não ocorreu nunca em nenhum lugar, como tampouco ocorreu o fato (em sua forma menos específica) de que Brutus apunhalou César.

Se interpretarmos “fato” como *factum*, propiciamos esta confusão. É melhor dizer, adaptando Wittgenstein de maneira levemente irônica: *Fatos* são tudo aquilo que é o caso.

Espero que fique claro agora que, tal como sugeri anteriormente, a diferença entre a posição de Beuchot e a minha não é tão substancial como poderia parecer no início. Não desejo agora (e há muito tempo não desejo) depreciar as proposições e os fatos como “pseudo-entidades”. São entidades abstratas, intencionais. Eu admiti, na verdade insisti, que: 1) para cada proposição verdadeira existe um fato correspondente, registrado por cada proferimento daquela proposição; e tenho concordado que (2) quando uma proposição empírica verdadeira é expressa verbalmente se estabelecem relações semânticas convencionais entre as palavras utilizadas para expressá-la e aquelas realidades concretas sobre as quais a proposição trata.

A diferença que persiste é que eu protesto contra a assimilação de (1) por (2), ou seja, contra a confusão entre o truísmo acerca das intenções (proposições e fatos verdadeiros) e as verdades mais substanciais sobre as relações entre palavras e realidades concretas. Talvez o que subjaz no fundo de tudo isso é uma diferença sobre universais (incluindo as relações). E inclusive isso poderia ser atenuado pela ideia de que, embora considere os universais entidades abstratas, vejo, sem dúvida, suas exemplificações ou instanciamentos como realidades concretas. Talvez Aristóteles não esteja tão longe de Platão (depurado ou desmitologizado) como ele mesmo pode ter pensado.